

Roma, 1º de março de 2012.

Prot.: N. 28/12

Objeto: 125 anos de fundação das Filhas do Divino Zelo

Aos Rogacionistas
Às Filhas do Divino Zelo
Às Missionárias Rogacionistas
À Família do Rogate

Caríssimas e caríssimos,

Estamos vivendo um *Ano Eucarístico*, comemorando os 125 anos do Primeiro de Julho de 1886. Neste tempo de graça somos chamados também a fazer memória, como filhas e filhos de Santo Aníbal Maria Di Francia, de um dos primeiros frutos da vinda permanente de Jesus Sacramentado na Pia Obra, o nascimento da Congregação das Filhas do Divino Zelo, ocorrido às vésperas da festa de São José, em 1887.

Por esta ocasião, nos próximos dias 17 a 19 de março olharemos juntos para Messina, Itália, e, com as Filhas do Divino Zelo, agradeceremos e louvaremos o Senhor pelo grande dom da presença na Igreja e no mundo. Desejo recordar esta graça para renovar a gratidão ao Senhor e para reafirmar a nossa profunda união com as coirmãs que nos precederam no nascimento, seguindo os passos de Santo Aníbal, na missão do Rogate.

Ao olhar os acontecimentos daqueles anos, no campo apostólico de Avinhão, encontramos o nosso santo Fundador doando-se totalmente no atendimento e na evangelização dos pequenos e dos pobres. Desde sua primeira aproximação àquele lugar, ocorrida cerca de dez anos antes, muitas coisas haviam mudado, e, em 1887, onde reinava a desordem e a degradação, encontra-se agora um clima de paz. As crianças são acompanhadas na fé e na oração, iniciadas nos primeiros passos do estudo, encaminhadas ao trabalho. Os doentes são socorridos, há ajuda material e moral às famílias, livrando-as de uma situação tão sofrida.

Sabemos que Padre Aníbal é consciente do crescimento da Pia Obra e das grandes dificuldades cotidianas para conduzi-la. Na sua humildade se empenha em convidar alguns Institutos que já atuam no campo da caridade, para que assumam os pequenos e pobres de Avinhão. Mas em Santo Aníbal a urgência da caridade, que

chamamos de imediata, é acompanhada da necessidade ainda maior de ter “bons operários”, que o acompanha desde a adolescência. A sua vocação foi iluminada pelo Rogate desde o início e, enquanto se definia com maior clareza, foi entendida como um carisma especial que o Espírito dava à Igreja. Ele mesmo confessa, falando de si mesmo, em um escrito de 1910:

“Aquele jovem, quando se tornou sacerdote, teve uma ideia que poderia agradar ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. A ideia era formar duas comunidades religiosas, uma de homens e outra de mulheres, que tivessem o voto de obediência àquele mandamento de Jesus Cristo: “Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam”. Por meio deste voto se comprometeriam com três coisas:

“1. Rezar, cotidiana e fervorosamente, ao Coração adorável de Jesus, à Santíssima Virgem Maria, a São José, aos Anjos e aos Santos, para pedir numerosos e santos sacerdotes e sagrados operários e operárias para a Santa Igreja, para todos os povos e nações do mundo, e vocações santíssimas e extraordinárias para as ordens religiosas e dioceses.

“2. Propagar em todo lugar, quanto possível, este espírito de oração, em cumprimento e obediência àquele divino mandamento.

“3. Fazer-se, uns e outras, no âmbito de sua pequenez e possibilidade, operários da mística messe, trabalhando para o bem espiritual e temporal do próximo.

“Com esta ideia fixa aquele pobre sacerdote observou tantas e tantas comunidades religiosas e diversas congregações, que existem e se vão formando na Santa Igreja, e ficou surpreso em ver que nenhuma ordem religiosa jamais acolheu aquela divina palavra da boca adorável de Jesus Cristo Nosso Senhor, e praticamente não se levou em consideração.

“Então, aquele sacerdote, vendo com a simples luz da razão apoiada na fé do Evangelho que aquela palavra de Jesus Cristo é mandamento do zelo do seu divino coração, é palavra e comando de suprema importância, antes, remédio infalível para a salvação da Igreja e da sociedade, aquele sacerdote pensou (Deus lhe perdoe a audácia!) de iniciar as duas mencionadas comunidades ou congregações religiosas com o voto de obediência ao tríplice cumprimento”.¹

O Rogate ilumina todas as escolhas de Santo Aníbal e é vivido nas dimensões do rezar e do agir, como ele explica: “O exercício desta oração deve levar necessariamente ao serviço às santas vocações, pois ao desejar os bons evangélicos operários e ao pedir-lhes ao Senhor, passa-se mais facilmente à busca dos meios para formá-los”.² Desde o início se trabalhava para suscitar vocações entre os atendidos. Já na primeira carta a

¹ DI FRANCIA A., Escritos, vol. 2, p. 144.

² Preciosas Adesões (ed. 1901), Prefácio, p. 7.

Padre Gusmão, de 04 de agosto de 1884, fala das boas esperanças entre as crianças: “Um bom número deseja doar-se a Jesus; e parece que sejam os primeiros rebentos que florirão entre os horrores deste lugar!”. Em seguida, no dia 10 de fevereiro de 1885, escreve: “Eu tenho a ideia de cultivar as santas vocações ao sacerdócio”. E espera que um bom número de jovens se tornem religiosas “se tiverem uma boa condutora”.

Padre Aníbal encontrou uma boa colaboradora na jovem senhora *Laura Jensen Bucca*, que o ajudou na orientação das órfãs internas e das adolescentes externas, assistindo-as em tudo e acompanhando-as na vida de piedade. É significativo o cântico por ele escrito, no Natal de 1885, com o título “A Pobrezinha do Pequeno Refúgio aos pés de seu Divino Salvador”. Como ressalta Padre Tusino, esse é um pranto de dor, generosidade de propósitos, empenho de virtude, gemido de prece, êxtase de união; e tudo pelas almas, pela Igreja perseguida e deserta pela falta de sacerdotes; e assim a “Pobrezinha” consolará o Coração de Deus e se tornará sua esposa. Os últimos versos: “Que te consolar agora deseja – a amada Pobrezinha – mas quem será aquela – que saberá isto fazer? – Se abra este coração – para um desejo assim tão belo – e seja a Pobrezinha – tua esposa!”.³

Tudo aquilo que permeava a vida de Santo Aníbal, como os problemas, as graças, os êxitos obtidos, as dificuldades, os projetos, as esperanças, tudo era invariavelmente vivido na oração. Em uma prece escrita em 1886, ele pede ao Senhor para as suas “filhas” graças espirituais que são próprias da vida de consagração. Ao elencar, portanto, o espírito do qual deseja que sejam plenas, Padre Aníbal traça já a figura carismática da Filha do Divino Zelo. De fato, reza pela santificação delas, para que possam viver e morrer no Coração Divino, e sejam por Ele conduzidas à mais perfeita união de amor; de dia e de noite pensem nele e a Ele somente aspirem; possam crescer de virtude em virtude e sejam humildes, simples, obedientes, mansas, puras como os anjos, dóceis, modestas e pacientes; desapegadas de todas as coisas criadas, e muito mais de si mesmas, fundamentadas no santo temor do Senhor e cheias de seu santo amor. Padre Aníbal pede ainda que sejam pessoas de oração, que cresçam no conhecimento e no amor do Senhor, buscando os interesses do seu Sagrado Coração, e que tenham uma contínua e amorosa atenção para com o Sumo Bem e um grande desejo, e fome e sede ardente, de recebê-lo no sacramento e na sublime eucaristia encontrem o alimento cotidiano. Pede a Jesus que conceda às suas filhas uma terna e santa compaixão pelas “dores íntimas” de seu Divino Coração e que se tornem caridosas para com o próximo, especialmente com os inocentes em perigo. Enfim, suplica que possam se tornar verdadeiras amantes da santíssima Mãe Maria e do glorioso patriarca São José, e autênticas pobrezinhas e filhas de seu amorosíssimo Coração. Na parte conclusiva desta bela oração solicita para as jovens a perseverança final no serviço do Senhor, a sua santificação e salvação. Não podia deixar de pedir, porém, para algumas delas a vocação à vida de consagração: “Escutai-me, ó meu Jesus, que estas almas sejam adornadas das preciosas margaridas das santas virtudes, e boa parte dessas se consagrem

³ TUSINO T., Memórias Biográficas, II, p. 7ss.

totalmente a vós, ó Cordeiro Imaculado, que sois o Rei das Virgens. E que as apascenteis entre os lírios”.⁴

Padre Tusino, após se referir às várias tentativas feitas por Padre Aníbal de convidar alguns institutos a Avinhão para assumirem as obras de caridade por ele iniciadas, que resultaram infrutíferas, acrescenta que começou a refletir que talvez o Senhor quisesse confiar as meninas a uma comunidade de nova fundação, que tivesse a sua origem exatamente em meio daqueles pobres. Ele ressalta, ainda, que a intensa e empenhativa vida espiritual com a qual Padre Aníbal acompanhava a formação das jovens assistidas e das externas que frequentavam Avinhão aspirava justamente lhes suscitar ou favorecer a vocação religiosa. E observa: “Na verdade algumas daquelas juvenzinhas mostravam boa disposição; e certamente as teria encaminhado a esta ou aquela comunidade, para as quais as considerava adequadas”.⁵

Enfim, Santo Aníbal, considerando que os tempos estavam maduros, decidiu concretizar o “pensamento por demais atrevido, se não audaz”, de formar ele mesmo a comunidade de religiosas para as suas órfãs. Apresentou-se ao arcebispo e lhe manifestou o seu pensamento. Dom Guarino concordou: “Faça, faça sim, mas secretamente, sem muita publicidade”. Esta permissão – segundo Padre Tusino – é o ato de nascimento das futuras Filhas do Divino Zelo.⁶ Na origem Santo Aníbal não se preocupou com o nome. Não nasciam as irmãs no refúgio das pobrezinhas? Serão chamadas por um bom tempo “Irmãs do Pequeno Refúgio” ou as “Pobrezinhas do Coração de Jesus”. Mas quando começaram a ser conhecidas na cidade, o povo as identificou como as “Irmãs do Padre Aníbal” ou “Irmãs do Padre Di Francia” ou as “Irmãs das órfãs do Padre Di Francia”. No regulamento que Padre Aníbal escreve para as noviças em 29 de abril de 1887 as chama “Pobrezinhas do Sagrado Coração de Jesus do Pequeno Retiro de São José”.

Santo Aníbal coloca o nascente instituto sob a particular proteção de São José. A vestição se fez nas primeiras vésperas da festa do santo, na sexta-feira, dia 18 de março de 1887. O hábito, inspirado naquele das “Pequenas Irmãs dos Pobres”, tinha a cor das carmelitas, em honra de Nossa Senhora do Carmelo, e levava sobre o peito o emblema do Rogate. As primeiras noviças foram quatro: Maria Affronte, Giuseppa Santamaria, Rosa D’Amico e Maria Giuffrida. Endossado o hábito, prostraram-se diante das órfãs presentes na celebração, declarando, com aquele gesto, querer servi-las. Era um gesto de extraordinária riqueza simbólica. No momento em que as jovens noviças se doavam ao Senhor com a clara intenção de fazê-lo pela sua glória e pela salvação da humanidade, o gesto exprimia, em particular, o serviço aos pequenos e aos pobres. Naquele mesmo dia foi encaminhada uma carta ao bispo pedindo a sua benção e manifestando o desejo de

⁴ DI FRANCIA A., Escritos, vol. 1, p. 86ss.

⁵ TUSINO T., Memórias Biográficas, II, p. 19.

⁶ O Arcebispo de Messina, *Dom Letterio D’Arrigo*, em 14 de setembro de 1901, aprova os nomes definitivos das duas congregações religiosas, os Rogacionistas do Coração de Jesus e as Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus.

querer viver como Maria e Marta, no apostolado e na contemplação, “pedindo, sobretudo ao Sagrado Coração de Jesus, que se dignasse enviar os bons operários à Santa Igreja”.⁷

No mês de outubro seguinte, Padre Aníbal apresenta ao bispo o pedido de aprovação do instituto, e evidencia que isto constitui uma meta do caminho iniciado a serviço do Rogate, carisma semeado no terreno dos pequenos e dos pobres de Avinhão. “E agora eu suplico a Vossa Excelência – assim escreve – que voltando o vosso olhar benigno sobre esta humilde Instituição, caso não haja impedimentos e por amor àquela divina palavra, que forma o seu emblema e indica o seu objetivo, dignai-vos confirmar a sua existência mediante uma aprovação eclesiástica. E que possais verificar e reconhecer, se possível, o regulamento, o hábito com o sagrado emblema, as orações, o nome das noviças e de sua pobre morada”.⁸ Sabemos que foi necessário esperar ainda alguns anos para a tão suspirada aprovação.

Padre Aníbal, que havia acompanhado espiritualmente com muito cuidado as quatro jovens, agora noviças, pensou também em organizar o caminho de preparação ao noviciado para outras jovens que desejavam consagrar-se ao Senhor. Portanto, com as noviças se agregaram algumas aspirantes, às quais, na festa de Pentecostes de 1887, ele confiou um pequeno regulamento para formá-las no fervor do espírito e prepará-las ao noviciado.⁹

O nosso santo Fundador, na realização da Pia Obra, deixa-se guiar pelo Senhor e pelo clamor dos pequenos e pobres. Cheio do amor de Deus e dos irmãos, doa-se sem reservas para evangelizar e socorrer toda forma de pobreza que encontra em seu caminho. No momento em que vê a exigência de iniciar uma nova obra, ouve o seu coração de apóstolo, confronta-se com aqueles que o ajudam e depois submete o projeto ao seu superior.

Assim, depois de começar o instituto feminino, entre sofrimentos, mas também com sinais de benção do Senhor, pede ao arcebispo, em 25 de novembro de 1887, poder iniciar também um instituto religioso masculino, para completar a Pia Obra. Ele escreve: “Quatro ou cinco sacerdotes nos reuniremos, faremos um pequeno refeitório, um pequeno oratório, e começaremos o noviciado em vista da profissão. Vossa Excelência será o fundador e o superior da pequena comunidade. Padre Muscolino ou meu irmão será o vice-superior imediato. Vossa Excelência dará a Regra e a vossa benção! Que mais se poderá querer para o incremento? Esta pequena família estará em torno a Jesus Sacramentado, tendo uma capela imediata. Estará plantada em um lugar que seja verdadeiramente adequado para as boas obras, um lugar onde se reza incessantemente para que o Senhor da messe mande os bons operários para a sua messe;

⁷ DI FRANCIA A., Escritos, vol. 7, p. 125.

⁸ DI FRANCIA A., Escritos, vol. 7, p. 136.

⁹ TUSINO T., Memórias Biográficas, I, p. 59.

um lugar humilde, pobre, escondido do mundo; na humildade, no afastamento das coisas da terra, na paciência, na caridade, e na confiança na divina providência”.¹⁰

Serão necessários dez anos para que este projeto se concretize, o início do instituto masculino (1897). Mas Padre Aníbal tem o olhar confiante e cheio de esperança, sustentado pela oração ao Senhor da messe, para que onde aquela oração foi semeada surja logo um primeiro núcleo de bons operários, que vivam daquela oração, a propaguem e se doem aos irmãos na pobreza e na caridade.

Caríssimos, esta etapa do caminho das coirmãs Filhas do Divino Zelo quer ser para todos nós, Família do Rogate, um convite para que nos confrontemos com a vida e a espiritualidade daquela “pequena família” que em Avinhão crescia “em torno a Jesus Sacramentado”. Esta pequena família é chamada a viver na oração incessante pelos bons operários, na humildade, na simplicidade e desapego, na caridade e confiança na Divina Providência. O tempo litúrgico da Quaresma constitui certamente um chamado particular para todos nós.

O Senhor abençoou o nosso caminho ao longo de mais de cem anos e nos permitiu estender a nossa tenda pelos cinco continentes, levando o Rogate na riqueza das diversas culturas com nosso serviço apostólico. No todo da vida consagrada somos uma “pequena família”, mas, com o coração de nosso Fundador, somos chamados a viver o grande tesouro do Rogate que nos foi confiado para doá-lo à Igreja.

Estes acontecimentos que nos levam a revisitar as origens nos permitem usufruir a beleza da nossa vocação e missão. Ao mesmo tempo nos convidam a reavivar o senso de pertença, na partilha das diversas dimensões do carisma, em uma única Família do Rogate. Juntos, queremos cada vez mais conhecer e amar esta nossa vocação e missão. Queremos, além disso, nas ocasiões que nos consentem ou que nos são sugeridas, unir nas formas oportunas as forças na fraternidade religiosa e na mútua colaboração.

Com este desejo, que confio à proteção de nossos Divinos Superiores e a intercessão de nossos Patronos e do Fundador, Santo Aníbal Maria, eu vos saúdo com afeto no Senhor.

Pe. Angelo Ademir Mezzari, RCJ

¹⁰ DI FRANCIA A., Escritos, vol. 7, p. 138.